

# Verde e negro: cores de uma paisagem quilombola

Nathan Zanzoni Itaborahy, Leonardo de Oliveira Carneiro,  
Tiago Bustamante Teixeira e Irene Maria Cardoso

Foto: Nathan Itaborahy



**S**ão Pedro de Cima é uma comunidade rural localizada no município de Divino, porção norte da Zona da Mata mineira. A paisagem montanhosa e acidentada, em função da proximidade com as serras do Brigadeiro e do Caparaó, é marcada pelo plantio do café, disposto nos níveis dos morros. É também marcada por pequenos e produtivos estabelecimentos familiares, em cujas terras a população camponesa encontra seu sustento e constrói uma intensa dinâmica comunitária, visível nas relações de trabalho e nos tantos rituais festivos.

Desde 2009, o Grupo EWÉ, formado no âmbito da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), realiza seus trabalhos de pesquisa e extensão junto à comunidade, empenhado na construção coletiva da transição agroecológica, entendida como um lento processo de articulação entre os agricultores e organizações sociais por uma agricultura social e ambientalmente mais justa e sustentável. O período de atuação do grupo sucedeu a iniciativa do movimento negro local – Avura – em reivindicar o título de Comunidade Remanescente Quilombola, concedido em 2004 pela Fundação Cultural Palmares.

Esforçamo-nos, em nossas pesquisas e extensões, em compreender a agricultura local como algo que vai muito além de um conjunto de práticas e técnicas de plantio ou de uma forma de se produzir alimentos. A agricultura é uma atividade que articula e reflete o modo de vida coletivo, a maneira como os sujeitos do lugar compreendem e se relacionam com a natureza, a forma de organização social do grupo, seus valores, símbolos, enfim, uma prática complexa e envolvente, terreno de profundas questões.

Também na agricultura, a partir de nossas convivências, encontramos o rastro de tantos programas de modernização do campo – verticais, impositivos, não dialógicos. Ao observar o café como marca do lugar, passamos a nos dar conta do uso cada vez maior de agrotóxicos e fertilizantes, do abandono de certos plantios e de uma consequente perda da autonomia dos camponeses. Percebemos ainda a expansão das áreas de monocultivo do eucalipto, tanto em terras de agricultores vizinhos – que outrora empregavam os agricultores – quanto nas terras da comunidade.

Partindo da crítica aos formatos da agricultura moderna e suas consequências no cotidiano da agricultura local, as ações com vistas à promoção da transição agroecológica lançaram mão de um interessante arranjo institucional: a comunidade de São Pedro de Cima, através dos diálogos com a UFJF, passou a participar dos Intercâmbios de Saberes e Sabores organizados pelo Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Divino. Além disso, com atividades que acontecem desde 2007, os intercâmbios são realizados em parceria com a ONG Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata

(CTA-ZM, com sede em Viçosa) e a Universidade Federal de Viçosa (UFV). Neste breve relato, narraremos alguns avanços e desafios das ações pela transição agroecológica, destacando as interações entre as instituições e os agricultores.

Buscaremos explorar o que as paisagens podem nos revelar sobre uma comunidade, assim como abordaremos de que maneira as relações sociais se projetam no espaço e conformam paisagens características. A partir desse enfoque, pretendemos aproximar-nos de uma visão que entende que a paisagem é constituída como herança e testemunho das vidas e dos trabalhos de gerações anteriores e atuais. Nesse sentido, a paisagem determina e ao mesmo tempo é determinada por tais relações.

O que nos diz a paisagem:

*(...) a paisagem é sempre uma herança. Na verdade ela é uma herança em todo o sentido da palavra: herança dos processos fisiográficos e biológicos, e patrimônio coletivo dos povos que historicamente as herdaram como território de atuação de suas comunidades. (AB'SÁBER, 2003, p. 9)*

Evocar a paisagem como uma herança é também um exercício de atribuir-lhe uma noção de temporalidade. Sem dúvida a constituição das paisagens envolve processos de escalas mais amplas, como os processos geológicos e geomorfológicos, responsáveis, por exemplo, pelo domínio dos mares de morros que caracteriza nosso ambiente de estudo. Entretanto, interessa-nos aqui a paisagem em suas relações de codeterminação com as configurações sociais da comunidade de São Pedro de Cima. As formas da paisagem não estão preestabelecidas nem pela natureza nem pelas mãos humanas, mas são construídas com o passar do tempo pelas pessoas que nela vivem (INGOLD, 2000), ou seja, a paisagem é uma dimensão desse *habitar o mundo*.

Essa codeterminação fica evidente em alguns momentos lembrados pelos moradores em suas histórias. Ao conceder-nos relatos sobre os primeiros habitantes da comunidade, não é raro que apareça nas narrativas dos atuais moradores uma pequena descrição das condições físicas locais daquela época. Elementos mencionados não só como um ambiente de fundo para as relações, mas muitas vezes se configurando em marcos na história local.

Um bom exemplo em São Pedro é o do *Pau-Cruz*, uma espécie de samambaia que, segundo contam os moradores, predominava naquela região. O aspecto de cruz associado à religiosidade de Pedro Malaquias – fundador da comunidade – constitui esse *mito de origem* comunitário. Nas palavras de seu Antônio e dona Selma: *Aqui era só mato!* – fazendo referência à ampla presença das samambaias na paisagem. Eles contam que chegavam a sair às 4h da manhã e retornar às 21h do trabalho nas fazendas da região, sempre a pé e trocando o

serviço por um pouco de comida, com a qual alimentavam as famílias. Com esse relato, é possível deduzir que a agricultura local nessa época ainda era incipiente.

E é essa paisagem que vai aos poucos sendo modificada, experimentada de outras maneiras e ganhando sentido de habitat para essa nova população, que chega em meados do século 19. A agricultura, como dito, revela essa relação de *construção e manutenção* da paisagem nas atividades cotidianas. As lembranças dessa época remetem a uma expansão da cafeicultura sobre as áreas de mata, até então pouco exploradas e que, pela sua exuberância, sugeriram o nome da região.

A territorialização comunitária aconteceu de forma lenta. Ainda que em alto grau de dependência e submissão aos fazendeiros, por meio de trabalhos coletivos, os moradores foram estabelecendo suas casas, quintais e criatórios próximos às nascentes e cursos d'água. Assim, pode-se dizer que o processo de territorialização foi *grafado*<sup>1</sup> na paisagem através da agricultura. Percebe-se também que, num tempo lento, ocorre uma intensificação da agricultura local, que culmina no que chamamos de redescoberta do café, processo responsável por grande mudança na configuração das relações sociais.

<sup>1</sup> Dardel (2011) constrói a ideia de que a Geografia, antes de disciplina científica, é a grafia do homem na Terra.

É a partir do início de plantio dos cafezais – nos anos 1970, sendo intensificado nos anos 1980 – que os agricultores lentamente se libertam dos trabalhos nas fazendas. Aos poucos vão adquirindo a posse de terras e passam a ter suas próprias lavouras, espaços fundamentais para a agricultura local. Observa-se então que a transformação da paisagem comunitária aconteceu de maneira mais intensa.

**Tais transformações da agricultura, no entanto, acabam por gerar uma nova dependência. Plantado em monocultura, o café torna os moradores reféns dos mecanismos da cidade e da lógica urbana de produção e consumo. Afinal, é na cidade que encontram os adubos, fertilizantes e agrotóxicos, onde negociam o café e onde também compram seus alimentos.**

Intercâmbio de Saberes e Sabores: ambiente para construção coletiva de conhecimentos



Foto: Nathan Itaborahy



Paisagem típica ao redor das residências na comunidade de São Pedro de Cima

Muitos, entretanto, romperam ou resistiram à imposição do pacote da Revolução Verde, pelo menos parcialmente, e o café continuou ou voltou a ser a consorciado com o feijão e o milho em determinados períodos do ano. Enquanto o café atende o mercado externo, o milho alimenta as criações (principalmente porcos e galinhas) e a própria família, juntamente com o feijão. Nos quintais, encontramos ainda uma grande diversidade de hortaliças, ervas, frutíferas, ornamentais e leguminosas. Nas lavouras do café, há também mandioca, inhame, batatas de várias espécies, diversas leguminosas e ervas espontâneas utilizadas para chá e temperos. Mais recentemente, em consórcio com o café, já se observa também os plantios de árvores frutíferas e árvores nativas, madeireiras ou não.

Assim, podemos falar de uma transformação lenta e dinâmica da paisagem, revelando múltiplas temporalidades. Afinal, a dinâmica de transformação da paisagem está contida em uma temporalidade cotidiana, por meio das interações dos agricultores com o território; uma temporalidade ditada pelas variações climáticas, observadas ao longo do ano; e uma temporalidade relacionada às políticas públicas, com impactos de mais longo prazo. As práticas agrícolas também vão deixando suas impressões de outras formas. Nos períodos de plantio de milho e feijão, por exemplo,

as paisagens se enriquecem; as lavouras ganham cores de acordo com as floradas das árvores ou mesmo do café. As chuvas e o calor se impõem na época das águas e no crescimento das plantas, tal como a seca e o frio revelam-se numa paisagem em constante movimento.

Como contraposição, cabe dizer que, no auge da Revolução Verde, a paisagem foi simplificada, restando o verde do café e sua florada branca. Nos locais de monocultura do eucalipto na comunidade, essa simplificação fica ainda mais evidente. Nesse sentido, é possível associar a homogeneização das paisagens à modernização da agricultura.

Portanto, na paisagem de hoje, é possível ver o resultado tanto das imposições trazidas com o modelo modernizante de produção do café como das resistências da coletividade quilombola-camponesa, ou seja, da não aceitação da reprodução total desse modelo. As tantas linhas de café dispostas nos níveis dos morros contrastam com os quintais e sua rica sociobiodiversidade, com as matas conservadas nas grotas e com os plantios dispersos em meio às lavouras do café. Os Intercâmbios de Saberes e Sabores, que na sequência serão discutidos, partem dessa compreensão crítica da própria paisagem na intenção de refletir sobre as limitações do atual modelo produtivo.



Bananas e árvores intercaladas na lavoura de café, na comunidade de São Pedro de Cima

### A interpretação da paisagem na construção do conhecimento agroecológico

Compreender a paisagem como algo que reflete e condiciona uma organização social e territorial e que é percebido e ao mesmo tempo significado pelos próprios sujeitos que a constroem nos permite apontá-la como uma ferramenta de análise para a promoção da Agroecologia. A ideia é superar o enfoque restrito à unidade produtiva como unidade analítica da transição agroecológica, mostrando aos moradores que, para que esse processo de transformação se materialize na escala da paisagem, é preciso que seja realizada uma interpretação da mesma. Trata-se de chamar atenção para como os agroecossistemas extrapolam as unidades familiares já que, afinal, a paisagem é um bem comum da comunidade.

Como herança na paisagem da comunidade de São Pedro de Cima, encontramos interessantes pistas para a reconstrução do modelo produtivo. Elas estão no conhecimento sobre a dinâmica das águas, nos saberes sobre as plantas e seus potenciais farmacológicos, nos sabores que a natureza fornece para a dieta alimentar. Elas estão, sobretudo, nos sujeitos que percebem e transformam as paisagens.

Nos Intercâmbios de Saberes e Sabores, que acontecem no município de Divino, esses saberes se evidenciam diante do outro. Os intercâmbios acontecem mais ou menos a cada 40 dias na propriedade de uma família de agricultores. Os anfitriões recebem os demais agricultores, técnicos, estudantes e professores tanto para apresentarem suas experiências e práticas agroecológicas quanto para escutarem o ponto de vista do outro, que enfrenta desafios similares e pode con-

tribuir para ampliar, aguçar ou mudar o seu olhar.

Os intercâmbios tiveram suas primeiras experiências nos municípios de Divino, Acaiaca, Espera Feliz e Araponga (MOREIRA et al., 2009). A princípio, os técnicos do CTA e lideranças dos STRs elegeram algumas famílias com experiências em Agroecologia ou com potencial para participarem. Em Divino, os intercâmbios começaram com um pequeno número de famílias, mas logo outras se interessaram pelos debates proporcionados pela metodologia, sendo em pouco tempo ampliado seu alcance.

Através da metodologia *de camponês a camponês*<sup>2</sup>, os agricultores debatem entre si as questões produtivas e ambientais, como sujeitos ativos do

<sup>2</sup> Para maiores informações sobre esta metodologia, ver Sosa et. al (2011), sobre o movimento agroecológico cubano e as atuais transformações da agricultura através da transição agroecológica.

processo. Realizam caminhadas pelas propriedades, percebendo os elementos da paisagem, observando ativamente o trabalho dos anfitriões. A paisagem, aqui, serve como o fio condutor da metodologia, onde se encontram os elementos que alimentam os debates e auxiliam na construção de alternativas.

Outra ferramenta metodológica dos intercâmbios – baseada na ideia do Círculo de Cultura de Paulo Freire (1981) – é a coleta, durante a caminhada, de elementos que sejam considerados importantes para explicar aquela propriedade que está acolhendo os visitantes. Com eles, constrói-se uma representação do agroecossistema, sendo cada um evidenciado por quem o coletou durante a troca de impressões. Uma metodologia envolvente, já que trabalha com materiais do próprio lugar, que acabam por trazer à tona uma diversidade de formas de compreensão da paisagem.

O encontro conta também com um momento de troca de sabores, no qual as comidas servidas têm suas histórias e receitas contadas pelos anfitriões e convidados, que também costumam levar algum alimento. É um momento importante, que promove uma rica interação, onde o saber das receitas e a história dos alimentos são revelados como mais um componente cultural do agroecossistema.

Ao final da atividade ocorre uma troca de mudas e sementes, levadas tanto pelas instituições participantes quanto pelos agricultores, com o compromisso de que plantem e cuidem daquilo que trocaram ou ganharam. Tem-se, assim, um intercâmbio da sociobiodiversidade.

Os intercâmbios se constituíram uma importante ferramenta para o fortalecimento do STR local e do movimento agroecológico da região. Diversas propriedades estão experimentando e amadurecendo práticas agroecológicas, diversificando suas estratégias produtivas e trocando suas percepções com os demais agricultores. O uso do agrotóxico tem sido constantemente debatido e, segundo o próprio Sindicato, muitos agricultores têm optado pelo plantio do café sem o seu emprego. A importância da agrobiodiversidade também é debatida e identificamos diversas experiências em que o cultivo do café passou a ser consorciado com outras espécies, em especial, as arbóreas, dentre elas, as frutíferas, caracterizando o que é chamado de sistemas agroflorestais com café.

Desde o início da participação dos moradores de São Pedro de Cima nos intercâmbios promovidos pelo STR de Divino, quatro deles foram realizados na comunidade. Ainda que grande parte dos agricultores produza convencionalmente – monocultura do café com uso frequente de insumos agrícolas e agrotóxicos –, temos percebido, a partir dos inter-

câmbios, uma certa abertura para a inovação agroecológica e a construção de um olhar mais crítico sobre os formatos produtivos e suas consequências ambientais.

A transição agroecológica, assim, alimenta-se da herança e se projeta na paisagem.

**Irene Maria Cardoso**

Professora do Departamento de Solos da Universidade Federal de Viçosa  
irene@ufv.br

**Nathan Zanzoni Itaborahy**

Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais  
(nathansalamandra@hotmail.com)

**Leonardo de Oliveira Carneiro**

Professor do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Juiz de Fora  
(leonardo.carneiro@uff.edu.br)

**Tiago Bustamante Teixeira**

Mestrando em Ciências Sociais no Centro de Pesquisa e Desenvolvimento Agrário – UFRRJ  
(tiguera@gmail.com)

---

## Referências bibliográficas:

---

- AB'SÁBER, A.N. **Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- CARNEIRO, L.; ITABORAHY, N.; TEIXEIRA, T. A construção de um grupo interdisciplinar de Agroecologia. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, 6, 2011, Belém. **Anais...** Belém: UFPA, 2011.
- DARDEL, Eric. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- FREIRE, Paulo. **A educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- INGOLD, Tim, **The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill**. Londres e Nova York: Routledge, 2000.
- MOREIRA, V.D. et al. Intercâmbios para Troca de Saberes – fortalecendo a agroecologia na Zona da Mata de Minas Gerais. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 4, n. 2, 2009.
- SOSA, B.M. et al. **Revolução Agroecológica: o movimento de Camponês a Camponês da ANAP em Cuba**. São Paulo: Outras Expressões, 2012.